

A função social e política da psicanálise

» CARLOS DE ALMEIDA VIEIRA

Membro da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), diretor do Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

Na história da psicanálise, que começa no fim do século 19, o mundo das ideias circulava entre o Idealismo e o Romantismo. Sigmund Freud, médico, neurologista e posteriormente psicanalista, vivia conflitos de ordem científica e política. Pesquisador e acadêmico, sofria pressões intensas quando começou a mostrar ao mundo que a mente vai além da consciência aristotélica. A partir de suas observações clínicas em pacientes neuróticos e da coragem e ousadia de analisar os próprios sonhos, começou a elaborar a teoria do inconsciente. O livro inicial, *Projeto para uma psicologia científica*, primeira tentativa de mostrar, dentro de um modelo neurofisiológico, o funcionamento mental, já guardava as bases da metapsicologia — psicologia que transcendia a racionalidade.

Aproximou do estudo do psiquismo as colaborações da filosofia e da literatura, mesmo que isso lhe custasse preço alto. Chegou a dizer que, antes de toda a pesquisa e observações clínicas, os poetas haviam contribuído muito. Destaque-se a relação que estabeleceu com Goethe, Nietzsche, Brentano e Schopenhauer. Em 1900, Freud publicou sua obra fundamental, *A interpretação dos sonhos*. Com ela desenvolveu a teoria do funcionamento mental e seu método terapêutico. A psicanálise se institucionalizou, foi criada a Associação Psicanalítica Internacional e iniciou-se a formação de novos psicanalistas.

O trabalho de Freud e dos colegas apontava a psicanálise também como interpretação dos acontecimentos sociais e políticos: artigos sobre as Guerras Mundiais, o mal-estar da civilização e o monoteísmo revelam que ao psicanalista, além de ser terapeuta, cabe função social e política. Deixou vários ensaios sobre textos literários, correlações entre a atividade artística e a analítica como meios de apreensão da realidade psíquica e externa. Hoje não se concebe a formação de um psicanalista sem que ele tenha bagagem cultural, filosófica, literária e científica.

Freud deixou-nos legado que inclui a função social e política da psicanálise. É tarefa nossa continuar o trabalho, na clínica e na comunidade, de um olhar analítico para entender a experiência emocional tanto no aspecto privado quanto no social. Levar ao público temas vívidos e conversados na sala de análise, numa conexão entre psicanálise, literatura e política, é a proposta do livro *Psicanálise da vida cotidiana* (Ed. Technopolitik) que acabo de lançar.

Tanto o psicanalista quanto o escritor ou artista têm algo em comum: apreendem por meio da intuição e capacidade estética o indizível, o inaudível, aquilo que repousa na inconsciência do ser humano. A palavra falada e a escrita são meios de comunicar estados de mente, prazer, desconforto e angústia não visíveis comumente. Pensar é atividade angustiante e requer mentes que suportem as vicissitudes da dor mental e

possam transformar a experiência em palavras, metáforas. Os psicanalistas interpretam; os escritores e poetas, em linguagem sofisticada, revelam o não dito, o que se esconde nas profundezas da experiência psíquica. Juntos, literatos e analistas contribuem para que a comunidade possa pensar a vida privada e os fenômenos sociais e políticos.

Nos consultórios e na elaboração literária e poética, encontramos questões que têm a ver com inveja rivalidade, ciúme, traição, relações sadomasoquistas, fantasias sexuais perversas e crimes hediondos, a mostrar aspecto doloroso da realidade psíquica: a tendência à destrutividade, os impulsos suicidas e homicidas ou, como queria Freud, as manifestações da pulsão de morte. Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud mostrou como a civilização tem de recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem e evitar sua desintegração.

Esse é aspecto fundamental para a psicanálise moderna: o compromisso com o social para colaborar com equipes multidisciplinares numa política de saúde preventiva. Deixo o leitor com os versos de Carlos Drummond de Andrade no poema “Os ombros suportam o mundo”: “Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus / Tempo de absoluta depuração. / Tempo em que não se diz mais: meu amor. / Porque o amor resultou inútil. / E os olhos choram. / E as mãos tecem apenas o rude trabalho. / E o coração está seco”.